

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
30 de Outubro de 2021
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: ULRIKE OTTINGER

PARIS CALIGRAMMES / 2019

Um filme de Ulrike Ottinger

Argumento, imagem (digital, cor) e narração da versão em alemão: Ulrike Ottinger / *Arquivista:* Marguerite Vappereau / *Som:* Thimothée Alazraki (gravação), Dettlef Schitto (desenho e misturas).

Produção: Thomas Kufus e Pierre-Olivier Bardet, para Idéale Audience e Zero One Films / *Cópia:* digital (suporte original), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 130 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Berlim, 22 de Fevereiro de 2020 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

O filme inclui trechos de ENTR'ACTE (René Clair, 1924), CHRONIQUE D'UN ÉTÉ (Jean Rouch e Edgar Morin, 1960), LA CINÉMATHÈQUE FRANÇAISE (Jean Herman, 1962), FREAK ORLANDO (1981) e DORIAN GRAY IM SPIEGEL DER BOULEVARDPRESSE (1984), de Ulrike Ottinger.

*Todas as pessoas que viveram em Paris
tiveram um período Saint-Germain des Près.
Copi*

Com **Paris Caligrammes** Ulrike Ottinger aborda o domínio do cinema na primeira pessoa, mais exatamente o das memórias filmadas, para evocar um importante período em que viveu sobretudo em Paris, entre 1962 e 1969, ou seja entre os vinte e os vinte e sete anos de idade. Um filme começa pelo seu título e o deste, sem pontuação, pode ser lido como “Caligramas de Paris” ou “Paris e Caligramas”. Um *caligramme*, como recapitula a realizadora nos primeiros minutos do filme, foi o nome dado por Guillaume Apollinaire a um dos seus últimos livros, cujos poemas assumem com frequência formas visuais, em que as palavras formam o desenho da Torre Eiffel, da chuva que cai ou de um repuxo e que, por conseguinte, devem ser *vistos* antes de serem *lidos*. Mas Ulrike Ottinger não teve medo de aderir a uma forma tradicional do filme de memórias (utiliza imagens do passado e do presente, aliadas a uma voz *off*), não buscou fazer do seu filme o longínquo equivalente daqueles poemas escritos durante a Primeira Guerra Mundial por um *parisien* nascido em Roma, de mãe polaca e pai desconhecido. *Caligrammes* também era o nome de uma conhecida e respeitadíssima livraria alemã em Paris, fundada em 1951, um nome evidentemente escolhido em homenagem a Apollinaire e cujo proprietário dizia que esperava que as conversas que ali tinham lugar (e que deviam ser de um alto nível de inteligência) formassem *caligramas*,

Depois de narrar brevemente e com humor a sua viagem para Paris (primeiro numa minúscula Isetta, veículo que não foi concebido para viagens daquela extensão e que ela abandonou à beira de uma estrada, depois, “*como num filme*”, à boleia com três homens que a deixaram em Saint-Germain des Près de madrugada), Ottinger detém-se na sua relação com a livraria Caligrammes e o seu proprietário, Fritz Picard. Muitos não franceses ou não europeus – norte e sul-americanos, árabes, asiáticos, australianos – que se instalam em Paris atravessam um período de interesse peculiar pela sua própria cultura nacional, a partir do ponto de observação privilegiado que é aquela cidade-mundo, onde há livros, livrarias, jornais, filmes e pessoas de todas as origens. Em **Paris Caligrammes** constatamos que deu-se o mesmo com Ulrike Ottinger, o que é facilmente explicável tratando-se de uma alemã da sua geração. As consequências do nazismo ainda eram palpáveis em 1962 quando ela chegou a Paris, na medida em que o corte

entre a Alemanha e aqueles que dali tinham sido expulsos ou tiveram de fugir subsistia e nunca poderia cicatrizar verdadeiramente. A simples existência, em Paris e não em Berlim ou Munique, da livraria Caligrammes, cujo proprietário era um judeu nascido em 1888, que trabalhava no setor da edição e vivera todas as restrições impostas pelos nazis, antes de fugir para Paris em 1938, era uma prova disso. Para aquela jovem alemã de vinte anos, os seus primeiros tempos em Paris foram também aqueles em que criou laços com artistas e intelectuais que tinham dado o seu contributo para a arte e o pensamento na Alemanha nos anos 20, foi o período em que ela viu de perto um aspecto da cultura alemã que não mais poderia ver na própria Alemanha.

Deste modo, o filme começa com uma espécie de dupla identidade, com dois elementos inextricáveis, o pessoal e o cultural, mas nada tem de genérico, é específico, relata a relação de Ulrike Ottinger com Paris através dos tempos, com a sobreposição da Paris de hoje e da dos anos 60, aquilo que mudou, aquilo que permaneceu e aquilo que se transformou. Atenta ao geral e ao particular, sensível a certos pormenores que fazem o sabor profundo de uma cidade (o som e os movimentos de três homens que lavam uma praça, cujas vassouras formam a última imagem do filme) Ottinger dividiu o filme em dez capítulos, o que é uma maneira de dar coerência ao conjunto, que aborda diversas camadas e etapas da sua relação com Paris. Lembranças pessoais, como o seu estágio no *atelier* do gravador Friedlaender, misturam-se a lembranças alheias, como os efeitos da guerra da Argélia nos seus amigos franceses, sendo este talvez o único capítulo do filme que se estende mais do que o devido tempo e está um pouco fora do assunto, na medida em que a cineasta não estava em Paris durante o conflito, que chegava ao fim no preciso momento em que ela desembarcava na cidade. Tem muito mais força a passagem que se refere à montagem de **Os Biombos** de Jean Genet, em 1966 (enriquecida por declarações interessantíssimas de Jean-Louis Barrault e Madeleine Renaud), algo que ela viveu de perto, ainda que como simples espectadora. Não menos marcante é a passagem dedicada aos “acontecimentos” de Maio de 1968, que ela viveu ao mesmo tempo de perto e de longe (vivia ao lado da Sorbonne, mas todos aqueles discursos não parecem tê-la interessado muito) e sobre cujos excessos ou desvios emite algumas observações. Todo um capítulo, intitulado **Cosmos Cinema** é dedicado à Cinemateca Francesa, então nos seus últimos anos de ouro e onde as retrospectivas dos grandes mestres (Lang, Hitchcock, Sternberg...) contavam sempre com a presença deles. Ottinger insere trechos de um conhecido documentário de Jean Herman sobre a Cinemateca Francesa, mas o melhor talvez venha de uma lembrança pessoal sua: um belo dia foi recebida por Mary Meerson, a imponente e intimidante co-diretora da instituição, a quem mostrou uma série de desenhos. Mary Meerson pôs a totalidade dos desenhos numa gaveta, que fechou com a barriga e disse “*muito obrigada*”...

Paris Caligrammes é um filme de memórias, mas não um filme confessional, nem um balanço. Indica que Ulrike Ottinger mantém viva a sua relação com uma cidade que pode corresponder bastante bem à descrição que ela dá das pessoas que frequentavam as festas no *atelier* de Johnny Friedlander (mais um ilustre *parisiense* que nada tem de francês), reunindo qualidades opostas e complementares que encontramos no cinema da própria Ulrike Ottinger: eram “*sérias e anarquistas, elegantes e excêntricas*”.

Antonio Rodrigues